

ENSINAMENTOS FREIREANOS COMO ORIENTADORES DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

FREIREAN TEACHINGS AS GUIDES OF PEDAGOGICAL PRACTICE IN LITERACY AND LITERACY

LAS ENSEÑANZAS FREIREANAS COMO GUÍAS DE PRÁCTICA PEDAGÓGICA EN ALFABETIZACIÓN Y ALFABETIZACIÓN

Maria Helena da Costa Bianchi¹

Maria Lucivane de Oliveira Morais²

Resumo: Desde as séries iniciais a qualidade da educação deve ser algo comum em instituições públicas de ensino, permitindo que as crianças possam contar efetivamente com docentes capazes de contribuir para seu desenvolvimento integral, ampliação de seu senso crítico, libertando-se das amarras da alienação e da relação opressor/oprimido comum em países capitalistas. Diante disso, o objetivo geral desse artigo é refletir sobre as contribuições do pensamento freireano no processo de alfabetização e letramento nas séries iniciais. Foi utilizada como metodologia a revisão de literatura, qualitativa e descritiva. Os resultados obtidos, evidenciam que a alfabetização permite as crianças aprenderem a reconhecer, decodificar, formar palavras e frases com as letras do alfabeto. O letramento, por sua vez, viabiliza a utilização da leitura e a escrita em seu cotidiano. Embora alfabetização e letramento nutram suas especificidades, ambos são complementares e indissociáveis. Conclui-se que o professor precisa alfabetizar-letrando seus educandos, para que se apropriem das competências leitoras que serão levadas por toda a sua vida nos mais diversos contextos sociais. Para isso, é preciso considerar seus saberes prévios, utilizando palavras geradoras que estão vinculadas ao seu cotidiano para orientar o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, tornando-o mais crítico, contextualizado e emancipador.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Professor. Educação escolar.

¹ Mestra em Ensino, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), 2018. Licenciada em Letras/Espanhol pela Unioeste em 1997 e em Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria em 2014. Especialista em Educação Especial, Métodos e Técnicas de Ensino em Comunicação e Arte, Alfabetização, Educação de Jovens e Adultos, Educação Inclusiva – Sala de Recursos Multifuncional, Literatura Iberos-Americanas Contemporâneas. Professora efetiva na Rede Estadual do Paraná e Municipal de Foz do Iguaçu. E-mail: mariahelenacosta71@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8629-1352>.

² Mestra em Filosofia Moderna e Contemporânea, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), 2018. Licenciada em Geografia pela Faculdade União das Américas, 2007. Licenciada em Filosofia pela UNIOESTE, 2014. Especialista em Educação Especial, Métodos e técnicas do ensino de Geografia e História; Saúde do Professor, Educação: Métodos e técnicas do ensino, Neuroeducação, Gamificação. Professora efetiva da rede estadual do Paraná. Docente no curso de formação de professores oferecido pela Secretaria Estadual de Educação (SEED). E-mail: maria_lucivane@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5542-9651>.

Resumén: Desde los primeros grados, la calidad de la educación debe ser algo común en las instituciones educativas públicas, permitiendo que los niños cuenten efectivamente con maestros capaces de contribuir a su desarrollo integral, ampliando su sentido crítico, liberándose de los grilletes de la alienación y opresor / oprimido común. relación en los países capitalistas. Por tanto, el objetivo general de este artículo es reflexionar sobre los aportes del pensamiento de Freire en el proceso de alfabetización y alfabetización en los primeros grados. Se utilizó como metodología la revisión de la literatura, cualitativa y descriptiva. Los resultados obtenidos muestran que la alfabetización permite a los niños aprender a reconocer, decodificar, formar palabras y oraciones con las letras del alfabeto. La alfabetización permite el uso de la lectura y la escritura en su vida diaria. Aunque la alfabetización y la alfabetización nutren sus especificidades, ambas son complementarias e inseparables. Se concluye que el docente necesita leer y escribir a sus alumnos, para que se apropien de las habilidades lectoras que se llevarán a cabo a lo largo de su vida en los más diversos contextos sociales. Para ello, es necesario considerar sus conocimientos previos, utilizando palabras generadoras que se vinculen con su vida cotidiana para orientar el desarrollo del proceso de enseñanza y aprendizaje, haciéndolo más crítico, contextualizado y emancipador.

Palabras clave: Alfabetización. Literatura. Maestro. Enseñanza.

Introdução

A alfabetização e o letramento marcam uma fase de grande importância para o desenvolvimento das crianças matriculadas nos anos iniciais do ensino fundamental, que chegam as instituições de ensino cheios de anseios e perspectivas em relação a necessidade de aprenderem a ler e escrever.

Por meio da alfabetização efetiva-se o processo de aprendizagem do código linguístico vigente neste país, constituído pelo alfabeto e pela utilização das letras de múltiplas formas no processo de comunicação. Por meio da orientação docente, os educandos aprendem como realizar sua codificação e decodificação evoluindo continuamente na medida em que passam pelas diversas séries da educação básica. (SILVA, 2019).

O letramento, por sua vez, implica na utilização eficiente da leitura e da escrita em diferentes contextos sociais, permitindo ao indivíduo se apropriar, por exemplo, de um vocabulário mais amplo, construindo sua cultura e compreendendo os múltiplos aspectos constitutivos de sua realidade de maneira mais efetiva do que outra pessoa que passou apenas pelo processo de alfabetização. (SARDINHA, 2018).

Em meio a esse contexto no qual alfabetizar e letrar se distinguem, entretanto, emergem de maneira indissociável na práxis pedagógica, tem-se a possibilidade de fazermos uma releitura das obras de Paulo Freire (1985, 2008, 2014, 2017), que há muito tempo se voltam para a temática defendendo a inseparabilidade que emana do “[...] aprendizado da

leitura da palavra (linguagem) e a leitura do mundo (relações sociais)”, (BARTLETT; MACEDO, 2015, p. 228).

Diante de tais informações, o objetivo geral desse artigo é refletir sobre as contribuições do pensamento freireano no processo de alfabetização e letramento nas séries iniciais. Para seu alcance, foram definidos como objetivos específicos: diferenciar o processo de alfabetização e de letramento; evidenciar sua importância nos mais diversos contextos sociais; analisar as contribuições do pensamento freireano na prática pedagógica de docentes que atuam nas séries iniciais do ensino fundamental.

A justificativa para a escolha desse tema origina-se da compreensão de que apenas alfabetizar as crianças, não é suficiente para que elas consigam desenvolver as múltiplas competências leitoras necessárias para que possam concluir com sucesso a educação básica, e vivenciar efetivamente uma formação integral de modo que a leitura e a escrita façam parte de suas práticas sociais corriqueiramente, ultrapassando os muros da escola.

Ao atuarem em escolas públicas, os professores precisam manter um trabalho de excelência, crítico e reflexivo, pois como lembra Freire (2014), a não alfabetização dos pobres e sua instrumentalização para perceber o mundo de forma crítica, libertando-se das amarras do capitalismo e da alienação, contribui para ampliar a dominação dos ricos. Dessa forma, democratizar a educação, alfabetizar e letrar são mecanismos de grande importância para ampliar o acesso à informação, atuando na consciência e no próprio processo de libertação dos filhos da classe proletária.

Como metodologia para a elaboração desse artigo, foi realizada uma revisão de literatura que permitiu tecer análises qualitativas e descritivas de livros e artigos publicados *on line* cujos autores também se dedicaram a discussão das especificidades que caracterizam os processos de alfabetização e letramento na educação brasileira.

Alfabetização e letramento: complementares ou antagônicos?

No século XXI, ler e escrever se configuram como competências indispensáveis para qualquer indivíduo que se insere numa sociedade letrada, devendo exercer com plenitude sua cidadania, atuar no mercado de trabalho que se mostra cada vez mais competitivo, especializar-se, adentrar nos níveis mais elevados do conhecimento, etc.

Nesse cenário, a alfabetização, ou seja, a apropriação do alfabeto e da língua escrita de uma determinada nação permite aos indivíduos aprenderem a ler e escrever. Para Silva e Costa (2016, p. 182) o conceito de alfabetização:

[...] vem se modificando de forma significativa nas últimas décadas. Durante muito tempo considerou-se que uma pessoa estava alfabetizada quando sabia ler e escrever, ainda que em um nível muito rudimentar. Portanto, a alfabetização era tida como a ação ou o processo de tornar o sujeito alfabetizado, permitindo-lhe fazer uso da tecnologia de ler e escrever, codificar e decodificar letras, palavras e textos. A partir dos estudos empreendidos pelas pesquisadoras argentinas Emília Ferreiro e Ana Teberoski, o conceito de alfabetização passou por uma reviravolta. No entendimento das autoras, a escrita se caracteriza como um processo dinâmico, onde a criança tem a possibilidade de construir e desconstruir suas ideias sobre como funciona a língua escrita com o intuito de compreendê-la como um sistema de representação da fala.

O pensamento de Emília Ferreiro e de Ana Teberoski (1986), citadas anteriormente, lançam luz sobre o fato de que apenas ser alfabetizado, ou seja, aprender a ler e escrever são práticas insuficientes frente às múltiplas exigências da sociedade contemporânea. É preciso entender a forma como a língua funciona e seus aspectos constitutivos mais fundamentais.

Para isso, Freire (1987), na sua obra *Pedagogia do Oprimido*, nos sensibiliza para a necessidade de os professores darem início a alfabetização e letramento partindo de temas geradores, de palavras que fazem parte do cotidiano dos nossos alunos, cujos significados estejam diretamente vinculados ao contexto cultural no qual estão inseridos, ao mesmo tempo em que, gradativamente, contribuem para libertar suas consciências passando a questionar a realidade na qual estão inseridos, se capacitando para transformar a sociedade.

Em virtude disso, Silva (2018, p. 228) afirma que:

Não basta reconhecer o funcionamento das letras no sistema de escrita do português para vozear e escrever sílabas, palavras e frases. É necessário exercer as práticas de leitura e de escrita para transitar por diferentes domínios sociais. A primeira habilidade, caracterizada pelo reconhecimento linguístico, vozeamento e escritura, denomino alfabetização. A segunda habilidade, caracterizada pelo exercício das práticas mediadas pela escrita, denomino letramento.

Nos estudos do letramento, por exemplo, procura-se compreender como os usos ou apropriações da tecnologia da escrita – ou até mesmo sua ausência – afetam o cotidiano das pessoas, inclusive para além do contexto escolar.

Assim, enquanto a leitura exige a mobilização de várias habilidades e competências para codificar e decodificar sílabas e palavras, escrever implica em sua utilização adequada para a construção de frases, textos, etc., em diversas situações cotidianas, não apenas para o cumprimento das tarefas escolares.

Ser letrado é fundamental para a vida da criança e do adulto, lhes permitindo ter acesso aos mais diversos gêneros textuais, pensar com criticidade sobre as informações que tem acesso e, a partir disso, manter uma postura que possibilite transformar a sociedade para que ela seja cada vez mais justa e igualitária. (BARTLETT; MACEDO, 2015).

Esse processo evolutivo que envolve o despertar de consciências, parte da aprendizagem da leitura e da escrita que, por sua vez, exige que a criança se dedique, mantenha-se atenta e motivada. No decorrer das práticas de letramento o professor toma para si a autoridade necessária para ensinar, em virtude de sua formação e competência profissional, entretanto, não deverá ser autoritário. (SARDINHA, 2018).

A abordagem dos conteúdos precisará ocorrer de forma ética, dialógica, considerando os aspectos sociais e culturais dos pequenos educandos a que se dedica, afinal de contas, como bem lembra Freire (1987, p. 39) “[...] ninguém ensina nada a ninguém e ninguém aprende nada sozinho”, é preciso que professor e aluno, estejam alinhados diante do mesmo objetivo, compartilhando seus saberes e evoluindo continuamente.

O processo de alfabetização cria múltiplas oportunidades para que as crianças possam construir seu próprio conhecimento, buscando diferentes informações de seu interesse, testando hipóteses, evidenciando as especificidades de outras culturas, etc. O contato com um texto escrito sempre será um ato repleto de vida e sentidos que deveria estar presente no cotidiano de todas as pessoas, em sua prática diária de comunicação, nos conhecimentos partilhados por toda a sociedade.

Ser alfabetizado significa que o indivíduo aprendeu a ler e escrever, não se encontrando mais na situação de analfabeto, entretanto, apenas o domínio de tais competências não é suficiente para que se efetivem as inúmeras transformações citadas anteriormente. Por isso, também é necessário que as crianças vivenciem desde seus primeiros anos escolares o letramento, pois além de ler e escrever é preciso incorporar as competências de leitura e escrita as suas práticas sociais.

Para Bartlett e Macedo (2015, p. 232): “Uma das mais importantes contribuições de Freire foi à constatação de que a alfabetização deve ser significativa e relevante para os alunos, e deve ser enraizada nos seus interesses e realidades”. Dessa forma, na medida em que

os professores estabelecem uma relação dialógica, pautada no respeito, na confiança, no estímulo a autonomia e a participação de seus educandos, proporcionando-lhes a oportunidade de narrar suas experiências, opiniões, compreensões prévias sobre as temáticas discutidas. Conseqüentemente, ao se tornarem letrados, apresentarão uma condição social diferente das pessoas analfabetas ou iletradas, deparando-se com uma nova forma de viver em sociedade, conhecer os aspectos inerentes a cultura, de se relacionar, mergulhar no mundo da leitura e da escrita.

Por meio do letramento ocorre a apropriação sucessiva de novas competências linguísticas, permitindo a ampliação/utilização correta do vocabulário, da língua oral e escrita com maior eficiência. Para isso, é necessária a mobilização e/ou desenvolvimento de um conjunto de habilidades, conexões cognitivas e metacognitivas, que apresentam uma natureza diferente na medida em que os alunos têm acesso aos diversos gêneros textuais, captando seus significados e sentidos nos mais diversos contextos sociais e de uso. (SOARES, 2011).

Portanto, letrar é mais do que simplesmente alfabetizar, pois implica em permitir que a criança tenha uma compreensão crítica acerca da importância da leitura e da escrita, utilizando-a efetivamente todos os dias de sua vida em um processo que não tem fim, que permite a reflexão acerca das dinâmicas sociais nas quais está inserida, o modo como transformam o mundo, etc.

Apenas saber codificar e decodificar palavras ou a escrita de textos, de maneira mecânica e descontextualizada, são ações que não atendem as exigências oriundas de uma sociedade global e das demandas sociais que caracterizam a pós-modernidade, marcada pelo uso intensivo da tecnologia nos mais diversos setores da economia, elevados investimentos em pesquisa e desenvolvimento, criação e extinção contínua de empregos, etc. (SILVA; COSTA, 2016).

Há, portanto, a necessidade de que o professor alfabetize letrando suas crianças, ou seja, despertando-lhes o anseio por se tornar um leitor assíduo, de realizar suas próprias produções textuais, compreender as especificidades constitutivas dos textos, de utilizar a leitura e a escrita de forma cotidiana em ambientes que ultrapassam os muros da escola.

Para aprofundar as compreensões sobre a importância da atuação docente nesse processo, e o modo como o legado de Freire se mostra presente nesse contexto, apresenta-se o próximo subitem.

Atuação docente no processo de alfabetização e letramento: o que o legado de Freire nos ensina?

Embora saibamos que o método de alfabetização de Paulo Freire (1987) tenha sido criado tendo em vista a população de jovens e adultos analfabetos, suas contribuições também são de grande relevância para as mediações promovidas pelos professores que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental, alfabetizando crianças na faixa etária adequada. Tal compreensão orientou o delineamento das reflexões apresentadas a seguir.

A forma como Freire (1985) descreve seu método de alfabetização, está diretamente vinculada com o letramento, uma vez que, é muito claro em seus textos que os adultos alfabetizados, assim como, quaisquer outros indivíduos submetidos ao seu método, precisam ter consciência daquilo que estão lendo, utilizando a língua escrita de maneira eficiente nos mais diversos contextos sociais.

Os saberes apropriados ao longo da escolarização, permitirá aos educandos ampliarem sua consciência de mundo, fazendo uma leitura crítica da sociedade na qual estão inseridos, tornando-se cidadãos engajados, aptos a lutar pelos seus direitos e promover as transformações necessárias para que toda a população, especialmente, aquela que se mantém excluída pela própria estrutura do capitalismo, possa reivindicar seus direitos e mudar suas condições de vida. (RESENDE, RESENDE, 2020).

Em meio a esse cenário a alfabetização emerge como uma prática da liberdade, pois a educação atua promovendo a conscientização dos educandos, democratizando a cultura, ensinando-os a refletir sobre o homem, o papel que ocupa e as desigualdades existentes, portanto, vai muito além do que simplesmente capacitar os alunos para ler e escrever.

Nas palavras do autor, fica evidente que:

[...] a alfabetização não é um jogo de palavras; é a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos [...]. A alfabetização, portanto, é toda a pedagogia: aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra. (FREIRE, 1985, p. 14).

Desse modo, para que a alfabetização e o letramento possam ocorrer de forma qualitativa, é indispensável que as crianças tenham acesso a professores qualificados, aptos a orientar adequadamente seu processo de ensino e aprendizagem, conscientizando-as sobre as múltiplas nuances intrínsecas ao mundo sócio-histórico no qual vivem, suas relações com a

leitura, entendimento da linguagem e construção contínuo do conhecimento, culminando assim, na formação de uma consciência crítica.

Será por meio do delineamento de uma relação dialógica que o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita tornar-se-á possível. Sua Pedagogia é centrada no diálogo e nas transformações intensas que ele pode promover, concepção contrária ao ensino bancário no qual o professor é o único detentor da palavra e do conhecimento. Em sua obra Pedagogia do Oprimido, Freire (1987, p. 78-79) esclarece:

O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, nas relações eu-tu. Esta é a razão porque não é possível diálogo entre os que querem a pronuncia do mundo e os que não querem; entre os negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que acham negados esse direito.

Por meio do diálogo, o professor, criará situações para que seus alunos sejam alfabetizados e letrados, compreendam a importância da leitura e da escrita e, também para que tenham acesso a uma diversidade de textos. Para isso, precisam ter autonomia, conhecer efetivamente o modo como a linguagem funciona, criando situações que permitam aos seus pequenos educandos construir/reconstruir hipóteses, considerar o meio social em que vivem, mobilizar seus múltiplos saberes que vão para além do âmbito simplesmente fonológico.

Corroborando com essa afirmação Freire (2008, p. 34) pondera: “[...] a prática docente vai além do ato de entrar na sala de aula e dar, por exemplo, a classe dos substantivos. A prática educativa é muito mais que isso”. Portanto, para alfabetizar letrando, é indispensável, por exemplo, uma formação linguística sólida, senso crítico, compreensão das especificidades das mais diversas teorias que versam sobre essa temática, adequação dos métodos de ensino ao perfil e especificidades dos seus alunos, dentre outras competências e habilidades (SILVA, 2019).

As abordagens realizadas pelo professor irão introduzir a escrita e a aprendizagem formal da Língua Portuguesa. No decorrer do ano letivo, por meio de múltiplas atividades que potencializam também a leitura, as crianças se apropriarão de novas formas discursivas mobilizando continuamente suas competências individuais.

Ao longo desses avanços, vale lembrar que Freire (1985) sempre reconheceu que as pessoas mesmo não sendo letradas, eram capazes de realizar uma leitura própria do mundo, possuindo um potencial individual que deveria ser considerado pelos professores a cada aula ministrada, bem como, seus saberes prévios. Por isso, quando ele afirmou que a alfabetização

deveria partir de temas geradores, tinha em vista o fato de que ele aparece como: “[...] uma concretização, é algo a que chamamos através, não só da própria experiência existencial, mas também de uma reflexão crítica sobre as relações entre homens-comuns e homens-homens” (FREIRE, 1987, p.50).

É justamente a partir dessas relações mantidas entre as pessoas e, no caso específico da sala de aula, entre professor e aluno, que se tornará possível a apropriação de novos saberes. Gradativamente, a oralidade infantil vai se transformando e o vocabulário é refinado, ao mesmo tempo em que se efetiva sua elaboração cognitiva, se desdobram suas interações sociais e orais. Progressivamente, esses pequenos educandos se tornam mais competentes diante da leitura e da escrita, havendo o refinamento de sua estrutura psicológica específica e, conseqüentemente, do conhecimento linguístico que possuem.

Nesse contexto, reiteram-se novamente os ensinamentos de Freire (1985, p. 14) ao lembrar que o conhecimento prévio trazido pelos alunos deve ser tomado como ponto de partida para a orientação do processo de ensino e aprendizagem, pois:

[...] as palavras que organizam o programa da alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos. Deveriam vir carregadas da significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador. A pesquisa do que chamava universo vocabular nos dava assim as palavras do Povo, grávidas de mundo. Elas nos vinham através da leitura do mundo que os grupos populares faziam. Depois, voltavam a eles, inseridas no que chamava e chamo de codificações, que são representações da realidade.

Os conceitos mediados devem fazer sentido para os educandos, permitindo a criação de diferentes significados na medida em que atividades são realizadas. As diversas situações que envolvem o uso e a análise da linguagem, lhes permitirão se apropriar dos saberes necessários para que suas próprias produções se tornem cada vez mais sofisticadas, claras e objetivas, següentes as regras que lhes foram ensinadas pelo professor.

As crianças que aprendem a ler adequadamente nos anos iniciais, conseguem concluir com maior rapidez seu processo de alfabetização, estando apta a compreender com clareza aquilo que escreveu, a formular frases, reconhecer com eficiência os códigos constitutivos da linguagem. (RESENDE, RESENDE, 2020).

Para isso, os professores precisam criar diferentes situações nas quais as crianças possam testar seus conhecimentos, por exemplo, escrever bilhetes cartas, fazer a leitura de

reportagens de jornais ou revistas selecionadas previamente, incentivar a leitura de histórias em quadrinhos e o registro daquilo que entenderam, ler as placas que existem no caminho da sua casa até a escola, nomes de ruas, propagandas, dentre outras atividades. (RESENDE, RESENDE, 2020).

O letramento ocorre apenas quando as práticas sociais de leitura e escrita são utilizadas de maneira natural e simples pelas crianças. Ele é facilitado quando elas frequentam espaços escolares onde há uma ampla variedade de livros e gêneros textuais que estão a seu alcance e existem momentos específicos para que possam manuseá-los, tendo a oportunidade de descobrir o caráter mágico que emana da leitura.

Pensando nesse contexto, Sardinha (2018, p.03) pondera que:

Os estudantes precisam entender o que leem (assistem ou escutam) e, através de reflexões e diálogos, serem capazes de utilizar a língua, em seus diversos meios de expressão, como ferramenta de ações que questionem as diversas formas de dominação e perpetuação da desigualdade social e econômica. Segundo Andreotti, ler um texto sob a perspectiva do letramento permite ao estudante “analisar e criticar as relações entre perspectivas, língua, poder, grupos sociais e práticas sociais”. (ANDREOTTI, 2008, p. 43). Cabe, então, salientar a perspectiva, a intencionalidade, o contexto sócio-histórico e econômico de quem escreveu/falou o texto e refletir acerca das vozes/pontos de vista dos que foram esquecidos ou ignorados no discurso.

Tal afirmação se alinha novamente aos ensinamentos freireanos que evidenciam o fato de que as crianças precisam estar inseridas em contextos de aprendizagem orientados pela curiosidade, inquietação, investigação em uma relação que seja dialógica, mas também problematizadora. Os textos a que tem acesso precisam ser efetivamente compreendidos, permitindo o diálogo, a troca de impressões, diálogos críticos e contextualizados.

Ao longo de sua carreira, os professores também precisam lembrar-se cotidianamente que “[...] não é possível neutralizar-se diante da relação contraditória opressor-oprimido, dominador dominado, explorador-explorado. Toda vez que eu opto pela neutralidade eu opto pelo que tem poder e não pelo velho ou pelo fraco” (FREIRE, 2014, p. 156).

Depreende-se do fragmento textual anterior, a necessidade desses profissionais terem acesso a uma formação crítica, uma vez que, alfabetizar e letrar constituem-se em um processo político, que implica no despertar de consciências, na leitura da palavra, mas também do mundo, de suas injustiças, desigualdades, explorações.

Para Silva (2019, p. 234) a alfabetização/letramento inspirada nos ensinamentos freireanos, se desdobraria da seguinte maneira:

[...] o processo de alfabetização demanda o trabalho analítico com letras e sons em função da conscientização do funcionamento do sistema linguístico pelo alfabetizando. Essas letras são originárias de palavras selecionadas do universo em que estão inseridos os alunos, assim esse trabalho não prescinde da prática de leitura do contexto sociocultural em que se encontra inserido o alfabetizando.

É justamente essa conscientização que permitirá a formação de educandos autônomos e curiosos, capazes de compreender o mundo e o papel que possuem para transformá-lo. Para isso, reitera-se a necessidade de os professores trabalharem os conteúdos do currículo, alfabetizar e letrar vinculando-os aos saberes ao cotidiano dos educandos.

Os docentes precisam lembrar-se continuamente da necessidade de “[...] autorreflexão que as levará ao aprofundamento consequente de sua tomada de consciência e de que resultará sua inserção na história, não mais como espectadoras, mas como figurantes e autoras” (FREIRE, 2017a, p. 52).

Portanto, as práticas pedagógicas nas quais a leitura é realizada apenas como um mero mecanismo de decifração, não contribui efetivamente para a formação de sujeitos leitores, capazes de entender com eficiência os sentidos intrínsecos aos diversos gêneros textuais que os alunos têm acesso. Eles permanecerão alienados, sujeitos a relação dominador-dominado sem possibilidades de mudar sua condição.

A qualidade das aulas mediadas também está diretamente vinculada com o planejamento prévio do professor. É preciso realizar o plano de aula, para que as atividades a serem propostas sejam significativas e alinhadas ao objetivo de formar alunos-leitores efetivamente letrados. Alinhado a isso, também se menciona a importância de se manter como um pesquisador ativo, capaz de influenciar seus educandos, afinal de contas, como Freire (2017b, p. 30-31) destaca:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou enunciar a novidade.

O hábito de pesquisar quando é partilhado por professores e alunos, colocam em discussão os conhecimentos, sua veracidade, o modo como lança sobre a sociedade e seu cotidiano. Auxilia no desenvolvimento da capacidade de análise, senso crítico, dentre tantas outras vantagens, afinal de contas “[...] é da intimidade das consciências, movidas pela

bondade dos corações, que o mundo se refaz. E, já que a educação modela as almas e recria os corações, ela é a alavanca das mudanças sociais” (FREIRE, 1985, p. 18).

O professor que se propõe a alfabetizar-letrando precisa adotar práticas pedagógicas capazes de demonstrar para as crianças os diferentes usos da leitura e da escrita, sua utilidade prática e social, os sentidos intrínsecos as mensagens contidas em cada texto. Preocupar-se em criar momentos e espaços para que eles possam exercer sua criatividade e se tornarem criadores, exercendo sua autoria também em produções linguísticas orais.

Gradativamente, na medida em que se desdobra alfabetização e o letramento, os alunos são instrumentalizados para compreenderem o “caráter mágico” constitutivo das palavras escritas, sendo capazes de instaurar e fazer parte de uma sociedade mais justa e virtuosa (SILVA; COSTA, 2016).

Em sua prática diária, o docente lhes permitirá compreender a necessidade de transformar o meio no qual vivem, defendendo a justiça social, liberdade, igualdade, entre outros valores e princípios constitutivos de uma sociedade mais justa, ao passo em que esses pequenos educandos, desde seus primeiros anos de vida, aprendem a necessidade de se libertarem da alienação que os subjuga.

Enquanto tal ideal não se concretiza em sua totalidade, reitera-se que a leitura e o letramento não podem ocorrer de maneira mecânica e alienada, desconsiderando a experiência e os saberes dos educandos, mesmo que tenham poucos anos de vida, quando comparados com seus professores que possuem uma longa jornada existencial. Gradativamente a atuação docente, as mediações promovidas e a relação dialógica nutrida com os alunos, deverão por abaixo a estrutura elitista dominante, promovendo assim, a emancipação das classes e grupos sociais oprimidos (FREIRE, 1985).

O indivíduo que foi alfabetizado e letrado na infância consegue apropriar-se das condições necessárias para seu desenvolvimento pleno. Naturalmente, a consciência crítica é construída e integra sua forma de ver o mundo, as pessoas, o seu papel enquanto cidadão, as especificidades das relações mantidas, da política, economia, as contradições que permeiam a sociedade, etc.

Para além disso, também terá a possibilidade de propor projetos e ações que possam culminar em importantes transformações sociais, atuando sobre o mundo e transformando-o para que se torne mais justo e igualitário, sem a exploração do homem pelo homem que é nítida na atualidade, amplia sua consciência política, dentre outras posturas que se

diferenciam daquele que não é alfabetizado ou apenas consegue reconhecer e decodificar as letras.

Considerações Finais

Alfabetizar e letrar são ações diferentes, embora complementares e diretamente vinculadas. Em uma situação ideal, compete ao professor alfabetizar letrando seus educandos, desde os seus primeiros anos escolares, para que a leitura e a escrita ultrapassem o mero processo mecânico de decodificação de letras, frases e/ou textos.

O letramento implica na utilização da qualitativa e efetiva da leitura e da escrita nas mais diversas práticas sociais cotidianas. No espaço escolar, os professores alfabetizadores precisam orientar suas mediações para que os alunos compreendam, por exemplo, a existência e as especificidades de diferentes gêneros textuais sabendo identificar suas características, e mais do que isso, aqueles que mais gostam para que possam se tornar leitores competentes.

Os professores que orientam sua prática pedagógica baseando-se nos ensinamentos freireanos se mantêm preocupados em ouvir os alunos, conhecer sua realidade, consideram seus saberes prévios, experiências e compreensões para, a partir disso, direcionar suas aulas. O trabalho com palavras geradoras ainda é eficiente de grande relevância ao longo do processo de alfabetização e letramento delineado nos anos iniciais do ensino fundamental.

Quando sua realidade é simplesmente ignorada, esse processo acontece de forma mecânica passando a se fortalecer as possibilidades de a educação seguir os moldes meramente bancários, pautando-se no ensino tradicional e na manutenção da condição de alienados dos educandos – situação que trava um embate direto com os estudiosos que discutem a alfabetização, o letramento crítico e sua importância, assim como Paulo Freire.

Enquanto os professores forem inspirados e orientados por Freire, certamente irão manter uma prática pedagógica cotidiana pautada na luta contra a opressão, desigualdade social e alienação dos seus pequenos alunos – embora tal prática deveria se estender a todos os docentes que atuam com a formação de seres humanos nos mais diversos níveis e modalidades da educação.

Nas discussões elaboradas por vários autores, como Soares (2011), Bartlett e Macedo (2015), percebeu-se a importância de que o processo de alfabetização e letramento não ocorra de maneira desvinculada da realidade dos alunos, sendo crítico e emancipador, ultrapassando a rotina da sala de aula e indo em direção a outras práticas sociais que irão se incidir sobre

toda a sua existência - situações que permitiram tecer um paralelo com os ensinamentos de Freire (1985, 2008, 2014, 2017), além de inúmeros outros aspectos inerentes ao seu pensamento.

É possível perceber de forma clara que as contribuições do pensamento freireano no processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais são inúmeras, mesmo que ele o tenha pensado seu método, tendo em vista, jovens e adultos. Isso ocorre, em virtude de vários fatores como, por exemplo, a compreensão sobre a importância da utilização das palavras geradoras no direcionamento da alfabetização e do letramento, do reconhecimento e valorização da realidade e conhecimentos prévios dos educandos, o fato de que a práxis docente deve ocorrer estando pautada na criticidade e no anseio por libertar seus alunos da alienação que a sociedade capitalista lhes submete, dentre outras.

No decorrer da elaboração desse artigo não foram encontradas publicações de docentes que atuam nas séries iniciais ou na educação infantil, da rede pública ou privada de Foz do Iguaçu, falando sobre as atividades que desenvolvem para alfabetizar e letrar seus educandos, bem como, das contribuições do pensamento freireano nesse processo. Há, portanto, um vasto campo de estudo a ser explorado para que outros docentes também possam ter acesso a práticas pedagógicas que culminaram em bons resultados, se inspirando e promovendo adaptações em suas aulas.

Referências

BARTLETT, Lesley; MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes. Aproximações entre a concepção de alfabetização de Paulo Freire e os novos estudos sobre letramento. **Revista Brasileira de Alfabetização**, Vitória-ES, v. 1, n. 1, p. 227-236. jan./jun. 2015. Disponível em: <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/46>. Acesso em: 10 out. 2020.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana; LICHTENSTEIN, Diana Myriam. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1986.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1985.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

_____. **Pedagogia do compromisso: América Latina e educação popular**. 1 ed. Itaiatuba: Villa das Letras Editora, 2008.

_____. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. 1 ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 41 ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2017a

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 55 ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2017b.

RESENDE, Maria Aparecida; de RESENDE, Tamiris Cristhina. Análise da importância da leitura no processo de alfabetização na concepção de Magda Soares e de Paulo Freire. **Revista Linguagens & Letramentos**, v. 5, n. 1, p. 07, 2020.

SARDINHA, Patrícia Miranda Medeiros. Letramento crítico: uma abordagem crítico-social dos textos. **Revista Linguagem & Cidadania**. Universidade Federal de Santa Maria, v. 20, p. 1-17, jan./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/32421>. Acesso em: 10 out. 2020.

SILVA, Luiz Carlos R. da; COSTA, Miguel Edigar. M. Alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental: um caminho a ser trilhado. **Revista internacional de audición y lenguaje, logopedia, apoyo a la integración y multiculturalidad**, v. 2, n. 3, Julio, 2016. p. 182-191. Disponível em: <https://revistaselectronicas.ujaen.es/index.php/riai/article/view/4227>. Acesso em: 10 out. 2020.

SILVA, Wagner Rodrigues. Polêmica da alfabetização no Brasil de Paulo Freire. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 58, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8654598>. Acesso em: 10 out. 2020.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Recebido em: 02 de agosto de 2021.

Aprovado em: 14 de setembro de 2021.